

# O PERSONAGEM ESCRITOR E O DEBATE INTELECTUAL NA OBRA DE BERNARDO CARVALHO, J. M. COETZEE E MICHEL LAUB

*Paula Alves das Chagas*

*Orientadora: Lucia Helena*

*Doutoranda*

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo estudar o papel intelectual desempenhado pelo escritor contemporâneo frente aos diversos aparatos midiáticos de que se vale para a ampla divulgação de sua obra ficcional e de seu pensamento (ou sua imagem) como um todo. Tomo como base a afirmação de Silviano Santiago de que o conceito de intelectual tem se reduzido, nos dias atuais, à definição de qualquer um, jornalista, escritor ou crítico, que sustente “opiniões fortes” através de um meio de comunicação de largo alcance, como o jornal, a internet e a televisão. A alcunha de intelectual tem sido atribuída a muitos escritores contemporâneos, na medida em que a entrevista se tornou um espaço dedicado menos à literatura em si do que ao discurso intelectual defendido pelos autores. Nesse sentido, poucos escritores se aproximam do perfil traçado por Edward Said (1994) do intelectual como um *outsider*, um “amador” e perturbador do *status quo* (Said, 2005, p. 10). Para esta pesquisa, cinco romances de três escritores diferentes foram selecionados para análise por suscitarem um debate crítico a respeito da produção e circulação da escrita ficcional na sociedade de consumo. Com árduas críticas e uma ironia mordaz, os escritores Bernardo Carvalho, J. M. Coetzee e Michel Laub discutem a banalidade da escrita promovida pelo uso excessivo da internet, o dilema ético na sociedade de consumo, a manipulação da memória e a escassez do debate intelectual tanto na academia quanto nos meios de comunicação de massa. Pretendo, através do estudo dos romances que compõem o *corpus* ficcional desta pesquisa, discutir a relação entre a imagem intelectual assumida por seus autores perante a mídia e a reflexão crítica promovida em sua escrita ficcional.

PALAVRAS-CHAVE: Escritor, Intelectual, Mercado, Literatura contemporânea.

### Literatura e mercado: o escritor-intelectual como personagem do romance

A relação entre literatura, mercado e valores na sociedade de consumo tem despertado o olhar atento de pensadores como o polonês Zygmunt Bauman, que ao longo da numerosa bibliografia publicada desde *Modernidade Líquida* (2000), reflete, dentre outras questões, sobre o lugar destinado à cultura no mundo líquido moderno. Bauman problematiza o conceito de globalização, observando que este é um processo “irreversível” (Bauman, 1999, p. 7), que tem como parte integrante “a progressiva segregação espacial, a progressiva separação e a exclusão” (Bauman, 1999, p. 9). No âmbito cultural, o pensador destaca o caráter onívoro do consumidor numa sociedade em que “o sinal de pertencimento a uma elite cultural é o máximo de tolerância e o mínimo de seletividade” (Bauman, 2013, p. 18). Conforme Bauman:

As forças que impulsionam a gradual transformação do conceito de “cultura” em sua encarnação líquido-moderna são as mesmas que favorecem a libertação dos mercados de suas limitações não econômicas, sobretudo sociais, políticas e étnicas. Uma economia líquido-moderna, orientada para o consumidor, baseia-se no excedente de ofertas, no rápido envelhecimento e no definhamento prematuro do poder de sedução (BAUMAN, 2013, p. 20).

Neste panorama, uma das questões que suscitam debate é o lugar destinado à literatura na sociedade de consumo, na qual a cultura é regida pela lógica da moda e serve a um mercado orientado para a rotatividade (Bauman, 2013, pp. 18-27). É a esta questão que se dedica o texto “Crises pós-modernas e o fim das utopias: o lugar da literatura”, de Maria da Glória Bordini. O início de seu ensaio lista uma sequência de acontecimentos trágicos ocorridos entre a última década do século XX e a primeira do XXI, associando-os à desumanização e à perda das utopias características da pós-modernidade. De acordo com a autora, o homem pós-moderno se torna um reflexo em meio a um mundo de simulacros eletrônicos, perdendo assim a capacidade de projetar-se. A solidão do indivíduo pós-moderno, do “ciber-sujeito” escravizado pelos aparatos tecnológicos de que dispõe e anestesiado pela profusão de informações que recebe aponta para a banalização do sentido do trágico, por um sujeito cada vez mais “imerso em situações de crise, das quais o choque se torna tão habitual que o desensibiliza em relação tanto a si mesmo quanto aos outros” (Bordini, 2009, p. 54). Segundo Bordini, tais aspectos se refletem na literatura da chamada Geração 2000, caracterizada pela brevidade e pela instantânea exposição da produção literária.

O alto desenvolvimento tecnológico e a adaptação do texto literário às mídias digitais provocou, nas últimas décadas, uma série de teorias sobre a possível extinção do livro impresso, que passou a competir com novas demandas como o *e-book* e os *blogs* de divulgação para escritores iniciantes. Embora as grandes editoras ainda dominem o mercado, cada vez mais elas têm cedido espaço para as novas mídias, investindo na publicação de livros digitais, produzindo vídeos promocionais com seus lançamentos, alimentando *blogs* e *sites* e recorrendo à figura do autor como mais um divulgador da obra a ser vendida. Assumindo a posição de administrador de cultura, o escritor se vale dos eventos e feiras literárias para construir uma imagem intelectual que alcance o público almejado e garanta a inserção e a permanência de seu produto, o texto literário, no mercado em que circula.

A título de ilustração dos aspectos apontados até aqui sobre os papéis assumidos pelo escritor contemporâneo frente à mídia, propomos a análise de um breve conto do escritor Reinaldo Moraes: “Flipando na Flip – ou À Procura do Farelo Perdido”.

Em comemoração aos dez anos da Feira Literária Internacional de Paraty, conhecido evento brasileiro que, anualmente, reúne escritores, críticos e leitores num grande festival, os organizadores Liz Calder e Flavio Moura publicaram em 2012 o livro *Ten/Dez*. O título é composto por dez textos, de autores brasileiros e estrangeiros, cada um representando uma edição da festa literária. Neste livro, Bernardo Carvalho publicou pela primeira vez o conto “A língua do futuro” que, mais tarde, seria revisado e desenvolvido a ponto de gerar o romance *Reprodução* (2013). Dentre os diversos textos que integram o volume, todos publicados em duas versões, em português e inglês, destaca-se, pela irreverência, o de Reinaldo Moraes. O texto, escrito num limiar entre a crônica, o conto e o relato, descreve as (possivelmente fictícias) experiências do autor-personagem durante a Flip de 2010, cuja principal atração seria a apresentação do famoso cartunista Robert Crumb, um dos fundadores do movimento *underground* dos quadrinhos americanos. Convidado para moderar uma mesa integrada pelos ficcionistas Ronaldo Correia de Brito e Beatriz Bracher, o personagem Reinaldo Moraes narra suas aventuras e desventuras nos bastidores da Flip.

O título do texto já insinua o teor altamente irônico que o permeia. “Flipando na Flip – ou À Procura do Farelo Perdido” aborda de forma crítica os problemas éticos que circundam a profissão do escritor, sobretudo em eventos literários como o mencionado no conto. Na

narrativa de Moraes, o evento é um pretexto lucrativo para reunir um determinado grupo de escritores – aqueles que atendem às demandas do mercado – e exibí-los a um público ávido por um contato com o escritor enquanto figura célebre. O substantivo formado por abreviação “Flip” ganha novas conotações na escrita de Moraes, que cria o inédito verbo “flipar”. O novo verbo abarca todos os aspectos da experiência narrada no conto. “Flipar” não significa somente frequentar a Flip. O verbo é abrangente: captura a essência da cidade de Paraty nos dias de feira literária, a incoerência na seleção dos artistas participantes, o *show* de egos de escritores e críticos nos corredores. Alheio a toda essa agitação, o protagonista age na contramão da proposta do evento, pois, de todas as atividades previstas, ele só comparece a uma: a mesa da qual é moderador. O restante do tempo ele perambula pela cidade de Paraty, “flipando” com seus colegas boêmios pelos bares da cidade, flertando com belas garçonetes em vez de assistir às palestras programadas.

O “farelo perdido” do título se refere à presença quase que fantasmagórica de Robert Crumb no evento. Uma possível tradução do inglês para a palavra *crumb* é farelo, motivo pelo qual Moraes ironiza a supervalorização à figura do ilustrador, chamando-o, por vezes de Farelo ou Migalha:

– Você vai ver o Crumb?

– Sim, vou ver o Migalha – respondi, varrendo do colo umas crumbs do bolo de fubá que comia. (...)

Crumb, Crumb, Crumb. Só se fala em Crumb na cidade. Além de migalha ou farelo, crumb, pelo que me informa o internético *The Free Dictionary*, quer dizer também “pessoa desprezível ou em quem não se pode confiar”. Um traste, enfim. Com o *forfait* de Lou Reed a uma semana da abertura da festa, o traste virou a grande estrela da Flip e todos querem vê-lo ao vivo, como se fossem com isso se curar de alguma doença crônica, como asma ou psoríase (MORAES, 2012, pp. 78-79).

O nome do cartunista americano surge em quase todas as conversas do texto. Todos querem saber se o protagonista também assistirá à palestra do Crumb, momento mais aguardado da festa. Enquanto Moraes confirma veementemente que irá prestigiar a fala de Crumb, suas atitudes apontam para o sentido oposto, pois o escritor se mostra cada vez mais enfasiado pela hipocrisia do evento, eficaz em comercializar a literatura. “Se tem uma coisa que não combina com literatura é holofote” (Moraes, 2012, p. 81), afirma o narrador, ironizando o palco de exibicionismos literários que se tornou a Flip. Com um texto ácido e

mordaz, Reinaldo Moraes critica a valorização excessiva da figura do autor nos eventos literários, bem como a imagem intelectual desenvolvida pelos escritores nas apresentações e entrevistas. De acordo com Moraes, personagem do conto:

Na Flip, os shows intelectuais, quando não de pura verborragia narcisista, são chamados de “mesas”, e ocorrem na Tenda dos Autores, um pavilhão inflável de plástico e alumínio próximo do rio Perequê, a poucos metros do mar. Mas é nas mesas dos bares, em geral ao ar livre, que o papo corre solto seguindo fluxo dos pensamentos embebidos em cerveja e na pinga forte da terra, que tanto acalenta as almas quanto tortura as meninges no dia seguinte (MORAES, 2012, p. 74).

O perfil do personagem narrador do conto muito se assemelha ao do escritor Reinaldo Moraes, descrito em entrevista publicada pela Veja em agosto de 2010 como um “marginal entre as celebridades literárias” da Flip. Tal afirmação se justifica, segundo a colunista Maria Carolina Maia, porque Moraes “não usa palavras rebuscadas, assume que não lê uma série de coisas e evita abastecer os debates do momento” (Maia, 2010, p. 1). Ao ser questionado sobre a composição de sua mesa, integrada por Ronaldo Correia de Brito e Beatriz Bacher, o escritor afirma não conhecer bem a obra de seus colegas, mas modaliza seu discurso declarando que “em qualquer país com gente produzindo literatura, haverá por força uma diversificação natural de ‘caminhos’, ou seja, de opções estéticas, temáticas e, é claro, de resultados” (Maia, 2010, p.1).

O narrador de “Flipando na Flip” se vale da comicidade e do cinismo para minimizar a falta de ética com que age, pois, em comparação com as atitudes dos outros escritores presentes no evento, os “deslizes” de Moraes são suavizados. Afinal, como criticar a total falta de interesse do narrador pela festa à qual foi remunerado para comparecer diante das profundas reflexões que ele propõe sobre o valor da literatura na sociedade de consumo? Moraes justifica sua boemia alegando que o ambiente da feira literária era mais comercial que literário. Segundo ele, as grandes reflexões não estavam nas Tendas dos Autores, mas nos bares de Paraty, longe do ego inflado de seus colegas de profissão. O narrador chega a descrever o que seria o ensaio da apresentação de seu companheiro de mesa, Ronaldo Brito, na varanda do quarto de hotel, “lendo e relendo em voz alta um texto” durante quatro horas de ensaio para “interpretá-lo” no dia seguinte diante da plateia, o público-leitor. Moraes critica o desempenho de Brito, afirmando que “a performance do colega consiste apenas em ler o texto, sentado mesmo, como todo mundo, com direito até a umas gaguejadinhas”. Em

seguida, afirma: “Tanto ensaio praquilo? Fiquei achando que ele ensaia pelo gosto de ensaiar, no más” (Moraes, 2012, p. 80).

Em meio aos cafezinhos e coquetéis, inevitáveis numa Paraty repleta de escritores e aspirantes, Moraes começa a questionar o sentido daquele evento. Embora não tenha assistido à palestra inaugural de Fernando Henrique Cardoso, o narrador indaga qual relação poderia haver entre tal figura pública e a proposta da feira, senão mera “politicagem”. De forma semelhante, critica o narcisismo afetado de nossos escritores, cada qual representando seu “papel intelectual” no “teatro” da Flip. Conforme Moraes:

De qualquer forma, sempre volta a pergunta: o que isso tudo tem a ver com literatura? A resposta, bem ao estilo tucano-uspiano, bem podia ser: e o que é que não tem a ver com literatura? De fato, tudo parece caber nesse generoso saco de gatos. Literatura é como as igrejas de antigamente, que viviam de portas abertas e abrigavam todo tipo de gente, das altas e prósperas figuras, a bêbados, miseráveis, loucos e assassinos, sem falar na cachorrada que sempre aparecia para farejar incenso e, eventualmente, morder a canela das beatas (MORAES, 2012, p. 76).

Ao descrever a festa da Penguin Books, representada no Brasil pela Companhia das Letras, uma das principais editoras do país, Reinaldo Moraes discute o perfil intelectual do jovem escritor brasileiro a partir da figura de Tatiana Salém-Levy, autora de *A chave da casa*. A então estreante escritora é representada no conto de Moraes como uma jovem extremamente curiosa e, por vezes, invasiva. Completamente entrosada em meio a nomes consagrados de nossa literatura, Tatiana parece querer sugar dos colegas toda informação possível para progredir na carreira. Tal estratégia se mostra lucrativa na medida em que a moça passa a ser reconhecida pelo recém-recebido Prêmio São Paulo de Literatura, no valor de duzentos mil reais. Criticando a personalidade de Tatiana, o narrador ironiza o título de seu livro na seguinte afirmação: “Essa descobriu não só a chave de casa como também a cofre. Benza-Deus, como diria minha vó!” (Moraes, 2012, p. 83).

Depois de cabular quase todas as mesas da festa literária, passeando de bar em bar pelas ruas de Paraty, Moraes adormece e acaba perdendo a tão esperada apresentação de Crumb, “o grande Traste, o supremo Farelo, o endiabrado Migalha” (Moraes, 2012, p. 86). Porém, fica sabendo no dia seguinte que o popular cartunista não agradou ao público da Flip. A esposa do narrador, frequentadora assídua de todas as mesas do evento, descreve a fala de

Crumb como decepcionante, destacando que, a certa altura, o cartunista afirmou não compreender por que o público foi até lá para vê-lo passar por isso. Segundo Moraes:

Passar por isso era se submeter ao desconfortável escrutínio de milhares de espectadores mitômanos, gente em busca de diversão instantânea e contato direto com celebridades planetárias. E no Terceiro Mundão, o que era pior. Um tiozão cheio de histórias bizarras e engraçadas, é isso que a galera esperava do Crumb. Mas o tiozão crazy não estava a fim de dar circo ao povo, não ao nosso povo, pelo menos (MORAES, 2012, p. 86).

A decepção do público diante da atração mais aguardada da Flip representa a infantilização de um espectador mais interessado na figura célebre do autor que na obra em si. Com um humor ácido, Reinaldo Moraes consegue captar neste breve conto, com ares de relato, a essência mercadológica de eventos ditos culturais como a Feira Literária Internacional de Paraty. “É o momento mercado de nossa arte”, afirma ao se referir à imensa publicidade voltada para os artistas convidados. Em contrapartida, o personagem não nega os benefícios que adquire por participar do evento. Por vezes, chega a se gabar dos nomes ilustres que adiciona a seu rol de amizades sempre que comparece à festa. No conto, Moraes transita entre a arte e o mercado, entre a observação crítica da hipocrisia alheia e o desapontamento por partilhar do mesmo estilo de vida que seus colegas escritores. Neste texto, não há culpados ou inocentes; todos procuram se adaptar às demandas de uma sociedade altamente midiaticizada e imediatista.

Os personagens do conto de Reinaldo Moraes exemplificam o conceito de “intelectual de plantão”, com o qual Silviano Santiago define toda uma geração de artistas, sobretudo escritores, a serviço da perpetuação da lógica do mercado. Em ensaio intitulado “Intelectual engajado: figura em extinção?”, a socióloga Marilena Chauí oferece outro nome a esta mesma categoria de profissionais estudada por Santiago. Chauí contrapõe a imagem do intelectual “como figura que intervém criticamente na esfera pública” (Chauí, 2006, p. 28) à do ideólogo que, “inserido no mercado, fala a favor da ordem vigente, justificando-a e legitimando-a” (Chauí, 2006, p. 29). Segundo a autora, a figura do ideólogo se sobrepõe, cada vez mais, à do intelectual, cujo cenário de atuação é deslocado para os meios de comunicação de massa, nos quais a ideologia pós-moderna, “sob a ação das tecnologias virtuais, faz o elogio do *simulacro*” (Chauí, 2006, p. 37).

O ideólogo muito se aproxima do que Sartre definiu como “falso intelectual”, “suscitado pela classe dominante para defender a ideologia particularista com argumentos que se pretendem rigorosos” (Sartre, 1994, p. 38). Convém lembrar que, de acordo com Edward Said, a relevância do intelectual não está só em seu discurso, mas naquilo que representa. Por isso, sua função social é “confrontar ortodoxias e dogmas” (Said, 2003, p. 26), o que o impede de se associar a instituições ou grupos interessados em manipular a opinião pública através de sua representação.

Na obra de J. M. Coetzee é possível identificar personagens que representam os dilemas intelectuais discutidos neste trabalho. Em *Verão*, temos duas figuras opostas, a do biógrafo aparentemente oportunista e a do falecido escritor Coetzee, reconhecido por seus pares como um importante nome da literatura mundial. Em *A vida dos animais*, Elizabeth Costello representa o intelectual sufocado pelas amarras da academia, enquanto tenta equilibrar suas responsabilidades como figura pública de um determinado grupo e seu papel social perante a família de seu filho. São personagens representativos da crise intelectual apontada por Silviano Santiago em *O cosmopolitismo do pobre*. Por diferentes vias, os três tentam se adaptar ao ambiente cultural em que atuam, recebendo, por vezes, críticas ferozes a seus discursos intelectuais.

Em romances como *Verão* e *A vida dos animais*, a reflexão de Coetzee se encaminha para uma discussão sobre as tendências da escrita literária contemporânea, assim como o lugar ocupado pela figura do escritor na dinâmica do mercado. Em seu livro *Náufragos da esperança*, Lucia Helena afirma:

Ironizando leituras que não penetrem pela fresta do sentido, o trabalho de Coetzee incita o leitor a adotar posturas por vezes tidas como “fora de moda”, não requisitadas na roda dos divertimentos do pastiche pós-moderno, incitando um potencial criativo que ultrapassa algo que, podendo parecer novo, constituiria um novo lugar-comum. Sua estratégia inteligente demanda que o leitor esteja atento à permanente tensão, na escrita, entre verdade e mentira, especialmente quando esta é uma ficção que joga com um sugerido alter ego do autor (HELENA, 2012, p. 92-93).

Em *Verão*, os diálogos do aspirante a biógrafo Vincent com os cinco personagens relacionados ao passado do falecido John Coetzee entrevistados ao longo do romance colocam em pauta não só a carência de debate intelectual no meio literário, mas a polêmica apropriação da imagem do escritor, que gera questionamentos por parte das fontes



selecionadas. Na leitura de Vincent, o texto literário fica em segundo plano, cedendo seu espaço às referências biográficas que poderiam suscitar discussões polêmicas sobre a imagem do escritor biografado. Em *A vida dos animais*, o ambiente acadêmico é o pano de fundo para uma reflexão sobre a crítica, o compadrio acadêmico, a imagem do intelectual perante a sociedade e, talvez a questão geradora de sua escrita, qual o valor da literatura no cenário cultural em que vivemos. Segundo Helena, esta discussão é uma constante na literatura de Coetzee, que proporciona ao leitor “uma forma privilegiada de refletir sobre o narcisismo de uma era que destaca o simulacro como sua figuração básica” (Helena, 2012, p. 86).

A estrutura de *Verão* nos sugere de imediato uma reflexão sobre a supervalorização da imagem pública do autor em detrimento de sua obra literária. O romance é composto de três partes: os cadernos inéditos de Coetzee, escritos entre 1972 e 1975, selecionados por Vincent para orientar sua pesquisa sobre o autor biografado; as entrevistas do biógrafo com cinco pessoas que teriam se relacionado pessoal ou profissionalmente com Coetzee; e alguns fragmentos sem data também atribuídos ao ganhador do Nobel de Literatura. Embora o projeto de escrita da biografia tenha se iniciado quando o personagem Coetzee ainda era vivo, Vincent nunca tentou estabelecer qualquer tipo de contato ou vínculo com seu objeto de estudo. Ainda mais preocupante é o fato de o biógrafo jamais ter lido uma linha sequer da obra ficcional de Coetzee. Os livros, ele só conhece de nome; o autor, pela figura célebre que representa. Seus argumentos, porém, fazem sentido quando inseridos na lógica da sociedade de consumo, pois o escritor, uma vez tornado figura pública, se torna propriedade da curiosidade do leitor. Um dos entrevistados, Martin, antigo concorrente de Coetzee a uma vaga fixa na universidade da Cidade do Cabo. Ironizando a seleção das fontes de pesquisa de Vincent, Martin percebe no biógrafo uma intenção curiosa de obter informações que pendem para o lado da intriga. O entrevistado observa que a escolha de quatro mulheres que tiveram, cada uma a seu modo, algum nível de envolvimento romântico com o autor revela o interesse de Vincent por produzir um texto especulativo, calcado nas informações obtidas sobre a vida íntima do escritor. Martin critica a postura do biógrafo, afirmando:

O senhor não devia pensar nisso? Não vai obter inevitavelmente um relato que tende para o pessoal e o íntimo às custas do real valor do sujeito enquanto escritor? Não vai acabar obtendo nada mais que – desculpe colocar dessa forma – nada mais que intriga feminina? (...) Repito, a mim parece estranho fazer a biografia de um escritor ignorando seus escritos. Mas talvez eu esteja errado. Talvez eu seja antiquado (COETZEE, 2010, p. 225-226).

Durante a entrevista com Sophie Denoël, Vincent se refere a Coetzee como o escritor que representava a imagem de “intelectual frio e arrogante” que nunca foi aceito pelo público “em seu coração coletivo” (Coetzee, 2010, p. 244). Esta fala apresenta um olhar pejorativo sobre o termo “intelectual”, associado, então, à imagem do escritor cuja obra é reconhecida pela crítica e que mantém uma postura intelectual adversa à exposição midiática, o que o afasta da aceitação do grande público.

Em *A vida dos animais*, a personagem Elizabeth Costello, através de atitude semelhante à do autor do romance em eventos ditos intelectuais, frustra a expectativa do público ao abordar, em sua palestra na Appleton, um tema inesperado por seus pares:

Devido à sua reputação de romancista, essa senhora carnuda, de cabelos brancos, foi convidada por Appleton para falar sobre assunto de sua escolha; e ela aceitou, escolhendo falar não sobre ela própria e sua obra, como gostariam aqueles que indicaram seu nome, mas sobre seu cavalo de batalha: os animais (COETZEE, 2002, p. 21).

A atitude de Elizabeth Costello, ao rejeitar o senso comum para defender a causa na qual acredita e pela qual decidiu lutar, incomoda o público por se afastar do perfil previamente estabelecido para o grupo que se intitula “intelectual”. Porém, a opção da palestrante a aproxima da imagem de intelectual proposta por Sartre e Said, ou seja, Costello representa o intelectual que “se mete no que não é da sua conta” (Sartre, 1994, p. 14), questionando assim a ordem vigente (Said, 2005, p. 10) em nome de um valor – no caso, o respeito aos animais. A personagem perpassa todas as etapas consideradas por Sartre como constitutivas da figura do intelectual. Primeiramente, ela ultrapassa os limites de sua competência, pois, como o texto nos indica, Costello é conhecida por seu trabalho como romancista. Portanto, abordar os animais como tema de sua palestra é uma tarefa inusitada e arriscada. Em segundo lugar, ela abusa de sua celebridade, da notoriedade que lhe permite o direito à fala no evento em questão, para alertar a opinião pública quanto ao problema que detectou e decidiu combater. Por fim, seu objetivo ao falar sobre os animais não atende a uma demanda profissional, nem objetiva à divulgação de seu trabalho ficcional. A palestra em questão é consequência de uma preocupação maior, que envolve sua responsabilidade enquanto figura pública, enfim, seu compromisso social.

Declarado leitor da obra de John Maxwell Cotzee e admirador do perfil intelectual proposto pelo autor sul africano, Bernardo Carvalho traz à baila, em seus dois últimos romances, as inquietudes do indivíduo fragmentado pelos anseios de uma sociedade pautada na brevidade das informações e das relações pessoais. Em *Reprodução*, temos um protagonista cuja existência parece ter sido minada pelo grande fluxo de informações absorvidas por ele sem a devida reflexão. O personagem, descrito apenas como “o estudante de chinês” é a representação máxima do ciber-sujeito, entregue aos aparatos da mídia eletrônica. Seu discurso preza pela quantidade e brevidade de conteúdos absorvidos através da leitura de *blogs*, sites de notícias, jornais e revistas. Note-se que o protagonista se refere apenas a leituras breves, aquelas publicadas diariamente em colunas de opinião. Como resultado do acúmulo de dados obtidos, ele reproduz tais informações através da publicação em seu *blog* de textos ainda mais breves e superficiais do que suas referências.

Toda a narrativa se orienta pelo ponto de vista do personagem, retido no aeroporto por suspeita de envolvimento nas atividades ilegais de sua professora de chinês, acusada de tráfico. O acaso do encontro com a ex-professora no aeroporto e a impossibilidade de compreender o que ela lhe segredou em sua língua materna o condicionaram a um sufocante interrogatório, no qual despeja toda a sua arrogância, suas frustrações e sua intolerância. No diálogo de surdos que se segue até o fim do romance, o leitor só tem acesso às falas e, por vezes, à imaginação do estudante de chinês. Até mesmo a conversa entre dois detetives, desenvolvida em todo o segundo capítulo do livro, é imaginada pelo protagonista através dos poucos murmúrios captados do diálogo que se dá na sala ao lado. Cada um dos personagens está em processo de fuga: a professora, que comete um crime na tentativa de salvar a vida de uma criança; o protagonista, que acredita na iminente invasão do Brasil pela China; a detetive, que se apega à religião como forma de autopunição. São todos frágeis peças de uma engrenagem movida, como constatou Zygmunt Bauman, pela liquidez das relações humanas na sociedade de consumo.

O autor retoma, em seu último romance, o desconforto do indivíduo pós-moderno através de Rato, agente humanitário que falha em sua tarefa primordial por se entregar cegamente a uma relação desde o início fadada ao desastre. Dominado por um amante perigoso, o protagonista enfrenta uma luta interna entre seu dever e sua vontade, questionando os limites éticos do trabalho a que se propõe. O romance associa a violência vivida pelos

moradores de zonas de conflito à dos trágicos relacionamentos unilaterais, como o de Rato por chihuahua. Tecendo um extremo jogo entre o desejo, a sedução e a manipulação, Carvalho desenvolve em seu romance uma paixão que “vai aos poucos se deteriorando e termina por fragmentar uma personalidade vulnerável e imatura” (Carvalho, 2016, orelha).

Outro conhecido leitor de Coetzee é o romancista Michel Laub, que em seus romances *Diário da queda* e *A maçã envenenada* manipula a memória através de tramas que perpassam eventos trágicos compartilhados entre autor e narradores, questionando os limites entre o real e o ficcional. Os romances em questão apresentam inúmeros aspectos em comum, a começar pelos narradores, ambos envolvidos com a escrita profissional. Nas duas histórias, o narrador relembra uma situação do passado, pensando nas implicações da mesma na definição de sua trajetória de vida. Em *Diário da queda*, o registro das memórias de família através da escrita é o elo entre os homens de uma família judia atribulada, geração após geração, pelos fantasmas do holocausto. Em *A maçã envenenada*, a impotência do protagonista diante do suicídio de sua namorada o impulsiona a repensar os valores que regem a sociedade em que se insere.

O estudo das obras ficcionais de Carvalho, Coetzee e Laub, aliado a uma observação da imagem intelectual exercida pelos três escritores frente ao público e à crítica possibilita uma reflexão sobre o papel da literatura como espaço para o debate intelectual, além de suscitar uma discussão acerca da postura crítica assumida por estes autores perante a mídia.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. A cultura da oferta. In: *Capitalismo parasitário*. E outros temas contemporâneos. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

\_\_\_\_\_. *A cultura no mundo líquido moderno*. Trad.: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

\_\_\_\_\_. *Globalização: as consequências humanas*. Trad. Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.



\_\_\_\_\_. *Modernidade líquida*. Sobre a fragilidade dos laços humanos. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. *Vidas desperdiçadas*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BORDINI, Maria da Glória. Crises pós-modernas e o fim das utopias: o lugar da literatura. In: HELENA, Lucia (Org.) *Literatura, intelectuais e a crise da cultura*. Rio de Janeiro: ContraCapa, 2007, pp. 51-64.

CARVALHO, Bernardo. *Reprodução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

\_\_\_\_\_. *Simpatia pelo demônio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

COETZEE, J. M. *A vida dos animais*. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. *Verão*. Cenas da vida na província. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HELENA, Lucia. As mandingas do senhor Coetzee em *Diário de um ano ruim*. *Mulemba 7, Intertextualidade nas literaturas africanas ontem e hoje*, Revista do Setor de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa da UFRJ, v. 1, número 7, dez, 2012, pp. 1-16.

\_\_\_\_\_. *Ficções do desassossego*: fragmentos da solidão contemporânea. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2010.

\_\_\_\_\_. *Náufragos da esperança*: a literatura na época da incerteza. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2012.

LAUB, Michel. *A maçã envenenada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

\_\_\_\_\_. *Diário da queda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MORAES, Reinaldo. Flipando na Flip – ou À Procura do Farelo Perdido. In: CALDER, Liz e MOURA, Flávio. *Ten/Dez*. São Paulo: Associação Casa Azul/Ministério da Cultura, 2012.

NOVAES, Adauto (Org.). *O silêncio dos intelectuais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SAID, Edward. *Representações do intelectual*. As conferências Reith de 1993. Trad.: Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANTIAGO, Silviano. *O cosmopolitismo do pobre*: crítica literária e crítica cultural. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

SARTRE, Jean-Paul. *Em defesa dos intelectuais*. São Paulo: Ática, 1994.